

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA
DO SUL DA MATA ATLANTICA**

JUÇARA DE SOUZA

O SENTIDO DAS ARTES/ARTESANATOS:

O olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais

Florianópolis
2020

**O SENTIDO DAS ARTES/ARTESANATOS:
O olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais**



JUÇARA DE SOUZA

FLORIANOPOLIS
Fevereiro/2020

Juçara de Souza

O SENTIDO DAS ARTE/ARTESANATOS

O olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Humanidades da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Licenciada, com ênfase em Gestão Ambiental.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Juliana Salles Machado

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Juçara

O SENTIDO DAS ARTES/ ARTESANATOS : O olhar das
mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais /
Juçara Souza ; orientadora, Juliana Salles Machado, 2020.
66 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Mulheres Mbya Guarani. 3. Arte / Artesanato.
4. Sentido. 5. TI Morro dos Cavalos. I. Salles Machado,
Juliana. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA
MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 12 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 8:00 horas, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador Juliana Salles Machado e Presidente, Professor Luisa Tambini Wittman, Membro da Banca, e Professor, Evelyn M.S. Zea, Membro da Banca, designados pela Portaria nº 2106 2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Jucara de Souza subordinado ao título: Significados dos artesanatos: o olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais.
Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Juliana Salles Machado, a nota final 10, do Professor Luisa Tambini Wittman, a nota final 10, e do Professor Evelyn M.S. Zea, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10.
O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Luisa W.

Prof. Juliana S.

Prof. Juliana Salles Machado

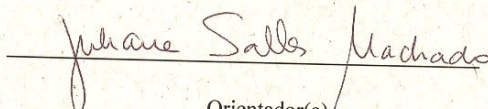
Candidato Jucara de Souza



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Juçara de Souza, matrícula n.º16105936, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O sentido das artes/artesanatos: olhar das mulheres Guarani sobre os usos do artesanato e rituais, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.


Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho dedico principalmente a minha família, minha querida mãe que sempre cuidou na nossa família, desde que eu me conheço ela sempre esteve ao meu lado, sempre me incentivando a estudar, me dando sempre as melhores condições para que eu e meus irmãos fossemos para escola, uma guerreira que cuidou e sempre cuida da família até hoje, ela hoje com seus 55 anos, guerreira e a mulher mais linda que conheço, cuida de seus netos como ninguém, os educa, dá carinho e até umas palmadas se merecerem.

Agradeço os professores da licenciatura que tiveram que se adaptar ou adaptar as suas maneiras de dar aulas e se prepuseram a novos conceitos de conhecimento, que tanto nos ensinaram quanto aprenderam também.

Aos meus colegas que ficaram esses 4 quatros anos, se ajudando, tanto nas tristezas como nas alegrias, sempre com um sorriso e sinceridade nos dizeres e nos escritos, buscando sempre dar o melhor de si, para estar junto com a turma.

RESUMO

Neste trabalho escrevo sobre os sentidos das artes/artesanatos pelos olhos das mulheres guarani da TI Morro dos Cavalos, nas aldeias de Itaty, Tataendy Rupa e Yy Akã Porã e dos rituais feitos com alguns artesanatos confeccionados por mulheres das aldeias que moram ou passaram pela TI. A partir da minha experiência enquanto mulher guarani, escrevo sobre a relação de sentimento do silêncio e do escutar junto com rituais e nos rituais que são contados pelas mulheres em seus feitos para os filhos recém-chegados. Escrevo sobre os significados que a arte de fazer artesanato tem relação com a educação escolar e educação guarani nos dias de hoje. Trago entrevistas de professores da escola indígena escrevendo sobre a arte de fazer artesanato nas aulas práticas, como o artesanato é colocado como tema em suas aulas e sua importância para o povo guarani.

Palavra-chave: Mulheres guarani, arte/artesanato guarani, sentidos.

ABSTRACT

In this work I write about the senses of arts / crafts through the eyes of guarani women from the Indigenous Land Morro dos Cavalos, in the villages of Itaty, Tataendy Rupa and Yy Akã Porã and of the rituals made with some handicrafts made by women that lived or have passed through the Indigenous land. From my experience as a guarani woman, I write about the relationship of feeling between silence and listening related to the rituals and about the rituals that are practiced by women with their newly arrived children. I write about the meanings that the art of making crafts have within school education and guarani education today. I bring interviews of teachers from the indigenous school writing about the art of making handicrafts in practical classes, how handicrafts are placed as a theme in their classes and their importance for the Guarani people.

Key-words: guarani women, guarani Arts / Crafts, meanings.

LISTA DE FIGURAS

1. Colares de semente de Capi`ia`í. Morro dos Cavalos, 2019. Fotografia: Juçara De Souza.....	26
2. Mãe e filha, YY Akã Porã, 2017. Fotografia: Juçara De Souza	26
3. Escola Itaty, 2016. Fotografia: Juçara De Souza.....	27
4. Entrevista Anisia Acosta moradora da terra indígena, Morro dos Cavalos, 2019. Fotografia: Juçara De Souza.....	30
5. Colares de semente de Capi`ia`í e miniaturas de Petyngua. Morro dos Cavalos, 2018. Fotografia: Juçara De Souza.....	31
6. Apyka. Fotografia: internet	36
7. Ambá, São Paulo, 2020. Fotografia: Kerexu Miri Poty.....	37
8. Ajaka ipy'a va'e (BALAIO, tipo sem tradução para língua portuguesa). Fotografia: internet.....	41
9. Balaio tupixi. Morro dos Cavalos, 2020. Fotografia: Juçara De Souza.....	41
10. Chocalho (mbaraka mirin) ou (mba`epu mirin) https://musicabrazilis.org.br/instrumentos/maraca	pag:42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TI- TERRA INDIGENA

PBF- PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

SUMÁRIO

Apresentação.....	13
Introdução.....	14
Capítulo 1: O OLHAR DAS MULHERES GUARANI SOBRE OS USOS DO ARTESANATO	16
Capítulo 2: MULHER GUARANI MBYA.....	20
2.1 NHAENDU OHENHDA.O silêncio e o escutar.....	20
2.2 OGUAPYIRE OEXA JAXY. O pensar: olhando o vento	24
Capítulo 3: ARTE/ ARTESANATO GUARANI MBYA Artesanato, andar da história.....	26
3.1 Sustentabilidade	28
Capítulo 4: OS SENTIDOS	30
4.1 Artesanatos que normalmente não se vendem: utilizado pelos xondaro (guerreiro).....	31
4.2 Artesanatos sagrados que ficam dentro de opy (casa de reza)	32
4.3 Artesanatos usados como enfeites e seus sentidos	34
4.4 As artes que existem antes e atualmente: adornos e suas narrativas.....	35
4.5 Olhares dos artesanatos que se vendem nos dias de hoje e seus significados.....	36
Capítulo 5: A IMPORTÂNCIA DA ARTE/ ARTESANATO NA EDUCAÇÃO.....	42
5.1 Vivências na escola	45
As imagens dos sentidos	48
Considerações Finais:	64
Referências Bibliográficas.....	66
Referências Orais.....	66

Apresentação

Meu nome em português é Juçara de Souza e em minha língua me chamam de Jaxuka Poty Ju. Sou da etnia Guarani nascida em Entre Rios, na aldeia Limeira no oeste de Santa Catarina. Sou acadêmica da Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na área de humanidades, com ênfase em Gestão Ambiental.

Moro desde 2000 no Litoral de Santa Catarina com minha família, já morei em Maciambu, Morro dos Cavalos, Imaruí e Biguaçu, e atualmente moro na aldeia de Itaty, no Morro dos Cavalos, onde desde 2013 atuo como professora.

Fiz vestibular em fevereiro de 2016 e fui aprovada na segunda turma de Licenciatura Intercultural dos Sul da Mata Atlântica, que se iniciou no mesmo ano em Abril de 2016.

Introdução

Antes me chamava Para mirim (pequeno mar azul/ pequeno azul do mar), depois que comecei a entrar no mundo dos não indígenas foi trocada para Jaxuka Poty Ju, altar das flores sagradas, ou flores sagradas do altar, concedida pela deusa Nhamandu mirim, juntamente com deus Wera tupã. Pessoa que anda com perfumes das flores principalmente da flor chamada terra, que ajuda o próximo com sua sabedoria, justa, clara como água, as vezes fria como brilho das estrelas, quente como um abraço reconfortante, de pessoa para pessoa o significado muda, pois o tempo e dia em que nasceu diz muito sobre seu nome e a mudança do nome dado.

Nesse trabalho relembrei muitas conversas das mulheres que convivi e também fiz entrevistas com mulheres e professores da escola indígena Itaty e li TCCs da primeira turma de Licenciatura Indígena da UFSC.

As pessoas das minhas entrevistas foram poucas, pois escrevo mais os meus relatos, fruto dos meus conhecimentos que adquiri junto com meus avós e avôs, pai e mãe, tios e tias, primos e primas, nesse decorrer de meu processo de vida.

Uma vida que passei com rituais e comemorações, ouvi muitos mitos e histórias, na qual eu viajava no meu pensamento para o passado, com isso aprendi e recebi muito conhecimento.

Desde que sei o que é ser gente, busco relatar meus conhecimentos.

Descrevo os conhecimentos de como fazer o artesanato e que cada um tem um significado. Antes de escrever busco com meus pais, meus tios, suas lembranças dos artesanatos passados, faço isso fazendo artesanato com eles. Os caminhos que as histórias contam ao longo do tempo, eu tinha me esquecido e já não as observava mais, mas com esse tema relembro quanto tempo levo pra fazer os artesanatos e relembro muitas coisas que vivi com minha mãe e aprendo sobre o significado de cada arte.

Com as entrevistas relembro junto com eles como e porque a arte de fazer artesanato mudou e como agora se faz.

Colocando cada mito e história em seu lugar, busco nas entrelinhas, junto com as mulheres que entrevistei, um significado ao mito contado, uma melhor tradução dos significados dos artesanatos.

Reescrevo como as mulheres lidam com o silêncio e o porquê do silêncio e como aprender com ele.

Penso sobre a importância que os artesanatos têm para o futuro do indígena, já que traz o passado, o presente e o futuro de um povo. Aonde tem artesanato tem um porque foi feito, um significado, uma história e um mito que são relacionadas com o povo, que por onde passam deixam história, principalmente o povo Guarani Mbya, que sempre viveu nas Américas, que hoje deixou muitos nomes na sua língua, como nomes de cidades, estados e países, na culinária deixou muito de sua comida e na medicina ensinou muito de seus remédios para a cultura não indígena.

Capítulo 1

O OLHAR DAS MULHERES GUARANI SOBRE OS USOS DO ARTESANATO

Lugar, Artesanatos, Indígena Povo, História e Técnicas artesanais.

Essa pesquisa foi feita na terra indígena (TI) Morro dos Cavalos, nas aldeias, Itaty, Tataendy Rupa e Yy aka porã, no total de 40 famílias, muitos dos adultos trabalham fora cuidando de chácaras dos não indígenas, outras vão às cidades grandes vendendo suas artes. Dentro das aldeias outros trabalham na educação como professores, orientadores e coordenadores. Na saúde como agentes de saúde, agente da água, na TI como comunicadores.

A TI foi declarada oficialmente em 2008, pela Portaria Nº 771/2008, “o Ministério da Justiça que declarou uma área de 1.988 hectares, no Morro dos Cavalos, como de posse dos índios Guarani Mbyá e Guarani Nhandevá”. A TI fica no meio do parque Estadual da Serra do Tabuleiro, o que ainda não é o suficiente para ter todas as matérias primas que precisam para confeccionar os artesanatos, assim buscam em outras aldeias ou fora dos limites, onde são muitas vezes discriminados e até expulsos por entrarem em áreas privada.

Nas aldeias ou comunidades como são chamadas, o artesanato é feito por pessoas que não tem uma renda fixa ou por pessoas que gostam e tem o dom de fazer ou fazem com intuito de ter mais uma renda, pois como a família é grande muita das vezes, não há suficiente para alimentar todos.

Algumas das famílias ganham Bolsa Família (PBF) um recurso dado às pessoas com renda baixa, pelo presidente do Brasil, mas é muito pouco, assim dizem as mulheres que entrevistei, a fala de uma moradora na aldeia Morro dos Cavalos Genira Mariano (2019):

ajopy aema bolsa família, ayn eteima ajapo 80 reais, ajogua ma petei aroi ryru, petei uru agui suco e agui petein ryru petynire, nanhotyn veima petym, apy ndaipoi yvy porá, naenhoi ma petyn, areko aema pety rayn guei ma, amoi porã ema, amboae jaxy anhotynta, nem que no onheoi porã.

[eu pego essa bolsa família, hoje mesmo recebi 80 reais, comprei um pacote de arroz, um pacote de suco e um pacote de fumo, não plantei mais fumo, aqui nessa terra que não é muito boa, não nasce muito bem, mas tenho sementes, que guardei, na próxima lua eu vou plantar nem que não nasça muito bem¹].

Muitas delas reproduzem os feitos de antigamente e adaptaram mais alguns em seus feitos nas artes.

Homens e mulheres fazem e com a nova geração que conhecem outros povos reproduzem o que veem, compartilham saberes e técnicas, assim tendo uma variedade de artesanato, tendo um significado diferente do que as pessoas mais antigas sabem, portanto, alguns artesanatos têm significados diferentes de cada pessoa, sendo assim elas têm significados conforme o momento que se adquiriu aquele conhecimento.

Os artesanatos mais conhecidos do povo guarani são o balaios *tupixi* e cestos, que são feitos de fibras de taquara destaladas, os bichinhos de madeira feitos de arvores que são próprias para isso, colar de sementes e ossos de bichos, pulseiras e chocalhos, brincos de pena e de sementes, pau de chuva. Os artesanatos adotados e colocados como guarani também são leque de taquara, apito, portal do sonho, enfeites de cabelos pintados com o grafismo guarani.

A busca dos materiais é feita pela família inteira ou, se for perto, cada um vai pegar ou pagam outros para ir buscar, assim ajudando outros. Quando se vai a família inteira acampam na mata, as vezes ficam de 3 a 4 nos acampamentos colhendo os materiais, depois voltam com quase todos os materiais. Chegando na casa começam a produção, com a falta de mais materiais buscam em outras aldeias, como taquara, sementes que são

¹ Tradução da autora.

raramente encontradas aqui e que são encontradas em outros tipos de florestas ou áreas.

Hoje não há mais esses materiais, por isso não são mais usados todos os materiais que são sagrados, mas ainda são feitos como antigamente. Hoje se usam pregos comprados em vez de pregos feitos de madeira sagrada e cipós, usam sim madeiras colhidas das aldeias, rodeiam com barro para fechar, tirados na própria aldeia, para cobrir usam taquara, que buscam em outras aldeias. Portanto, ainda se usam as técnicas de fazer a casa, com estrutura de madeira na forma quase de um barco ou sol, são feitas com a entrada no Sul, o altar para onde o sol nasce, acima do altar tem uma abertura onde entra o primeiro raio de sol, iluminando e purificando toda a casa, outra acima da entrada para reverenciar o deitar do sol.

O olhar varia de pessoa para pessoa, assim como pelo lugar e o tempo. Elas fazem com muito orgulho as artes para ficar dentro da casa se reza (opy), participam de todos rituais e cerimônias. As mulheres são fundamentais em cada ocasião nesses lugares e até fora. A astúcia do feminino nas decisões dos rituais é muito importante. Como nos mitos dizem que a terra, as árvores e a vida são feminino, por isso a importância das mulheres em todos os espaços. E quando se busca o aperfeiçoamento dos artesanatos, foram elas que Nhanderu deu a decisão de mudar, para levar, trazer, mudar de lugar, mudar de jeito e até de tamanho, onde elas passam, elas plantam, colhem, mudam de lugar, mudam o lugar, que é para deixar agradável, bonito e habitável, e no momento que elas queriam e aquilo que existia que não estava ao alcance delas, mandavam fazer, trazer ou buscar. Assim começam as pequenas miniaturas de bichinho de madeira, que se mostra para o filho ou filha seus conhecimentos naquele lugar sem aquele tipo de animal.

Os artesanatos em madeira são cortados e queimados, os significados por trás de cada figura de animal entalhado e queimado se relaciona com o tempo e o espaço de cada um. Quando um balaio é dado no dia do batizado de uma menina e quando um arco sem flecha é dado a um menino que nasce,

ambos já são alguém e se se é alguém, ele ou ela já tem suas respectivas funções dentro das comunidades que irão viver ou passar.

O mais antigo dos preparativos para a arte de andar é fazer o *amba'i*, um corredorzinho feito de madeira, fincadas no chão, no qual se coloca a criança pra se segurar nas madeiras. Com o tempo vai se mudando o tamanho delas e das madeiras fincadas, que são cortadas e entalhadas e são locais onde as crianças ficam a maioria do tempo, com seus irmãos maiores, deixando suas mães fazerem seus afazeres e seus artesanatos. Ali se faz as tranças e adornos que passam a colocar nas crianças, na cintura uma fibra trançada de *kuaxingy*, pois assim o espírito da árvore dará a sua força para a criança, deixando-a forte para se levantar e mais tarde correr e dançar. Os adornos que eram e são usados são de um conhecimento milenar, que as mães de mães passam para as mães, passando de geração em geração até hoje. A cultura das mulheres de escutar os contos e mitos está relacionada ao nascimento e seus deveres com a criança, a ensinar as futuras mães de hoje a importância das regras de um começar da vida de seu filhos e seus futuros netos, os ensinamentos, são feitos ou passados para a mãe quando a criança é ainda tão pequena, lhe contando tudo isso fazendo artesanato, ensinando como fazer na prática, assim depois ela irá passar para sua filha na prática também.

Capítulo 2

MULHER GUARANI MBYA

2.1 NHAENDU ONHENDUA. O silêncio e o escutar

O silêncio é uma língua que poucos sabem a interpretação correta, num lugar onde se aprende escutando e gritando, também se aprende em silêncio, ao buscar a sabedoria também se busca ouvir o silêncio, quando se ouve o silêncio se ganha, sem pressa de chegar, o silêncio nos dá conselhos é até resolve a situação.

Muitas vezes o silêncio é tão desprezado que dizem que não sabem falar, não sabe se expressar direito, o silêncio dela muitas vezes para os não indígenas significa que não vale a pena perguntar ou discutir que não entenderá. Para nós guarani o silêncio é a maior arma que as mulheres têm. É por causa disso que até hoje ainda falamos a nossa língua, não deixamos nossos costumes, nossas crenças, nosso modo de vida guarani. Somos *ajaka* sagrado, que guardaram e ainda se guarda tudo o que ainda somos hoje, usando o silêncio como estratégia, a calma no repassar os conhecimentos, o dividir de seus mitos e crenças no silêncio da noite para seus filhos, ensinar os filhos a ouvir o silêncio é também ensinar a vida a um ser.

A língua usada é ainda guarani mbya que é um dialeto que, abrange o litoral do Brasil e outros países como Argentina, Paraguai e Uruguai. Língua oral, que com o passar do tempo não sofreu muito as interferências dos não indígenas ou de outras etnias.

A língua é expressada desde que a criança nasce, nas histórias e mitos contados pelos mais velhos da comunidade ou dentro da casa de reza, onde a

língua muda de regras e podemos dizer que dentro da casa de reza se fala o guarani culto.

A língua é muito importante para todas as etnias, usada e repassada com muito valor e sentimento em cada palavra dita, usando assim os sentimentos de dizer, onde e quando. Se traduzimos em outra língua, fica sem sentido, não expressando o real sentido das palavras, pois quando se conta um mito ou uma história, ela será contada nos mínimos detalhes, onde se mostra o sentimento da pessoa que, pressentindo a emoção do contador, a alegria que se mostra e se conta. Então desse jeito, sem perder os sentimentos, a leitura das artes e as técnicas de contar, o olhar e o silêncio serão sempre calculados, meditando a cada ato feito, cada palavra dita, cada olhar, buscando saber para onde se quer ir, buscando no silêncio de cada mito e histórias escutadas, como se aprende, o jeito que se faz.

Desde criança somos educadas num breve começo de silencio começando com instrução de escutar, escutando seus pais, os mais velhos, respeitando o silêncio da natureza e aprendendo com ela. Sempre quando uma pessoa mais velha começa a falar, todos escutam, refletem, ouvem com atenção, buscam entrar na história com os ouvidos sem reclamar sem interferir, assim aprendem escutando e não buscando saber o porquê que isso aconteceu, pois se ouvir com atenção as histórias encontram nela o problema, as situações passadas, os conflitos e por último as situações resolvidas.

O escutar e resolver os problemas, com o silencio dos ventos, das chuvas, do passarinho cantando na natureza e suas algazarras. Assim vive o tigre que aprendeu a ter paciência a escutar e ser escutado. O silencio que a coruja traz com seu olhar e seu bater de asas, a paciência do tatu que cava buraco para sua morada, o silencio dos macacos que suas espertezas nos assustam, os das andorinhas que trazem o verão, os *ti`y* (quati) que andam com seu bando, que no momento exato sabem aprender com o silencio, quem escuta o silencio escuta a si mesmo, aprende com ele.

O silencio que ensina mulheres a fazer o *tipa* (bolinho de milho e trigo), o *ajaka* (balaio), a *po`apy regua* (pulseira), *namixai* (brinco), *mbo`y* (colar), entre muitas outras coisas aprendidas desde que nascem e ao longo do seu dia-a-

dia. Aprendem com o silêncio a cura das plantas, pois é escutando que se aprendem, sabem escutar o choro de dor ou de perda de seus filhos, interpretam as primeiras palavras de seus filhos. Escutando quando a lua diz que está na hora de plantar, de colher ou de simplesmente olhar, buscam com o silêncio no olhar, passar segurança ao seu filho e sua família ensinado muitas vezes com o silêncio.



Figura 1. Colares de semente de Capi'ia'í. Morro dos Cavalos, 2019.
Fotografia: Juçara De Souza



Figura 2. Mãe e filha, YY Akã Porã, 2017. Fotografia: Juçara De Souza
Respeito e sabedoria no repassar dos aprendizados, a humildade de cada um o faz merecer o respeito.



Figura 3. Escola Itaty, 2015. Fotografia: Juçara De Souza

Quando a mulher e seu parceiro sabem que estão esperando uma criança, já começam a preparação do casal e seus cuidados para uma criança

chegar bem a esse lar, a essa família, então vão a parteira e ela já diz quando é menino ou menina, então o pai e mãe já se preparam os preparativos para sua chegada, quando a parteira diz que será menina, o pai e mãe se preparam para que ela venha e cresça com saúde e força, com rituais e cuidados e que não aconteça nada com seu espírito que anda junto de seus pais tanto mãe quanto pai. Geralmente o espírito das crianças, quando seu pai sai e deixa sua mãe sem dizer a ela que vai sair, fica grudado nas pernas de seus pais, ou quando seu pai vai caçar seu espírito fica na frente expulsando os animais da trilha que seu pai está indo. Por isso, quando o casal está esperando uma filha, o pai quase não consegue caçar, só consegue caçar quando ele faz os rituais bem certinhos, assim ela deixa seu pai caçar em paz sem atrapalhar sua caçada.

Seu pai sabe que sua criança será do sexo feminino, um espírito leve que gosta de coisas diferentes dele. Um sexo que será oposto dele, que cuidará do seu espaço, que supostamente parece fraco, mas que ele sabe que é um espírito forte e com suas delicadezas, ele busca antes dela nascer arrumar sua chegada, para ela querer vim com alegria. Sua mãe já não usa mais seus adornos, colares, brincos ou cocar, o seu pai também tira todo os seus adornos, pinturas, para seu filho não nascer com marcas no corpo, assim cuidando para que quando seu espírito estiver brincando, não se machuque. Esse ritual é feito quando se sabe que terá um filho tanto menina quanto menina. Quando nasce a menina já começam os preparativos para que ela goste de ficar cuidando tanto dela quanto de seu espírito, que ainda anda atrás de seu pai ou de sua mãe quando a deixa com seu pai ou familiares. Quando se está junto se diz a ela ou a ele, “vamos” ou “fique ai”, essas coisa se diz para eles andarem juntos deles e o espírito não fique se distraindo no caminho ou vá a outro caminho que não seja o de seus pais. Ela sempre é banhada com ervas de flores, de ervas, de remédios que vão deixá-la sempre perfumada e bonita, que seus espíritos gostem que seu corpo está sendo bem tratado. Usam remédios desde que ela nasce para seu corpo ficar bonito, perfeito,

arrumam suas orelhas seus pés, dedos cabelos unhas, barriga e seus rosto para ficar a mais linda quando tiver seus nomes, que serão dados quando seu espírito que veio cuidar revele seus nomes, o que na maioria das vezes, acontece aproximadamente aos dois anos de idade.

2.2 OGUAPYIRE OEXA JAXY. O pensar: olhando o vento

Nos rituais da menina que ficou na lua, como se diz em guarani, o *guapy jaxy revê* (sentou e está estudando com a lua), na sua primeira menstruação, ela é colocada 45 dias pensando e aprendendo a ser uma mulher.

Meus dias, dei o nome de “olhando vento”.

Nós olhamos o céu e nos perguntamos o que realmente somos, nesse ano que fez 13 anos, me sento e olho o vento com chuva, tempo nublado, me preparo para sair, pois tenho que estudar, sinto o frio pois é mês de julho, a geada, o gelo branco como lenço por cima das árvores e planta rasteira, olho a estrada e penso como ela vai me levar para pegar o ônibus escolar, estrada de terra, pedras e buracos, me lembro que antes dos 45 dias trancada ela era tão divertida e que agora não era mais, pois tinha que ter mais cuidado em fazer qualquer coisa. Sinto que as coisas estão diferentes, pois é a primeira lua da minha vida, a vida realmente é um piscar, o pingo de água escorrendo em uma folha, olho as pinturas em meu corpo, que tenho que esconder. Onde eu estudo eles não iriam entender e fariam muitas perguntas ou eu até mesmo seria criticada por ser diferente, os não indígenas não entendem nada o que se passa ao seu redor, ainda mais crianças, meninas e meninos da minha idade. Chego lá e tenho que explicar para meus professores o porquê não fui nas aulas anteriores, explicando luas e ciclos, mas eu entendo que eles também não entenderam, eu sei que eles são diferentes de nós e que seus pensamentos são diferentes de meus familiares, que todos têm os ensinamentos que merecem, acho eu.

Olho mais uma vez o vento, carregado e às vezes ainda penso como antes, mais sei que não devo. A partir desse mês a vida mudou, tanto no olhar,

no pensar, no reagir, no correr, no andar até no sorrir. Mas mesmo assim feliz por passar uma etapa da vida.

O silêncio

A língua é incorporada sempre, todos os dias do saber, enquanto o silêncio é o ritmo que é contado como aprendizado intencional, então como escrever o silêncio? Como escrever livre o silêncio? Como escrever que os que ouvem são livres? Ninguém consegue escutar e escrever o sentimento do silêncio. Quando se escuta, se aprende mais do que falando.

Resultando com o melhor do escutar o silêncio, usado em todo lugar. Melhorando sua mente, seu espírito, utilizando o silêncio como língua ouvida.

Capitulo 3

ARTE/ ARTESANATO GUARANI MBYA

Artesanato, andar da história.

Nas aldeias que tem pessoas que fazem artesanato, ou vivem do artesanato, elas têm três categorias de artesanato, aqueles que se vendem, os que se trocam e os que se dão dentro da aldeia.

O artesanato é um elemento muito importante para a cultura e tradição guarani, portanto nesse capítulo vou escrever e especificar sobre o olhar das mulheres guarani, sobre os artesanatos e rituais das comunidades em que moram.

O *opy* (casa de reza), é um dos artesanatos mais bem feitos na aldeia, que hoje é quase feita como antigamente, feita com madeiras fortes, colhidas ou compradas se não tiver nas aldeias. Nos tempos antigos, quando da abundância de matérias-primas, a *opy* era feita com todos os detalhes, com criciúma na forma de esteiras, colocadas a cada metro enterradas no chão, em torno de sete metros para baixo. As esteiras também eram colocadas ao redor junto com madeiras e o barro nas paredes, ficando bem reforçada.

Hoje se tem feito reuniões para pedir proteção dentro da casa de reza. Fazemos as rezas matinais, são feitos os rituais de cura, os batizados, consagração das sementes, os rituais de passagem dos meninos, a consagração dos alimentos, como carne e os primeiros grãos que se colhem na primeira colheita do ano, consagram-se também as primeiras frutas do ano. Os Guarani têm discutido sua vida dentro das escolas indígenas de várias formas, atuando para uma política de terra, da saúde, da educação, mostrando seus valores e buscando os vários níveis de reconhecimentos necessários para viver bem.

O artesanato guarani é feito pelas pessoas de cada família, todas elas desde que já tem idade de fazer, já fazem para ajudar na compra de alimento para a família, sustentabilidade e preservação do meio ambiente.

Os materiais são pegos pelas pessoas que fazem os artesanatos, muitas vezes as famílias acampam na mata por alguns dias para obter todos as matérias primas que precisam, principalmente quando vão em busca para confeccionar os balaios, flechas, zarabatanas, cocares, brincos e colares de sementes, a taquara, cipós, *nhembe pi* (espécie de raiz de uma bananeira, conhecida como “banana de macaco”), *nhembe* (casca de uma árvore), madeira para extrair as tintas e as penas de pássaros.



Figura 4. Entrevista Anisia Acosta moradora da terra indígena, Morro dos Cavalos, 2019. Fotografia: Juçara De Souza



Figura 2. Colares de semente de Capi'ia'í e miniaturas de Petyngua. Morro dos Cavalos, 2018. Fotografia: Juçara De Souza

3.1 Sustentabilidade

As famílias que hoje buscam seu viver básico com a venda de artesanato, trazem nas suas falas, que nos dias de hoje está a cada dia mais difícil fazer as artes com materiais da mata, que hoje compram alguns dos materiais que usam para fazer.

Principalmente em famílias que tem mais membros na família, eles não passam muitas necessidades, todos contribuem para a alimentação, fazendo artesanato para venda, nunca fazem de grande escala, pois pensam que fazendo só para a sobrevivência da sua família a natureza lhes dá o auxílio, e ela também precisa ser recuperar por um tempo, assim procuram a cada tempo fazer um tipo de artesanato, deixando sempre que o lugar que foi retirado o material se recomponha e mais no futuro voltam a retirar daquele lugar os novos materiais que irão ser usados para confeccionar mais artesanato.

Por causas das invasões das suas áreas, destruições de seu modo de vida guarani de antes, algumas famílias foram morar perto das grandes cidades, apesar de nestes locais não haver o que comer. Para garantir o seu sustento, muitas famílias usaram seus pertences para trocar por alimento e mais tarde trocaram por moeda e papeis, que como dizem os mais velhos, não dá pra comer *perata'i* (dinheiro), mas ele compra o que podemos comer,

apesar de que não ser comida saudável. Mas, nos adaptamos nos lugares que *Nhanderu* nos deixou, ele vai cuidar de nós, aqui nesses lugares e com esses alimentos. Também plantam alimentos, mas que ainda assim não suprem todo corpo. Com suas sabedorias que trouxeram de anos atrás que foi passado de geração a geração, não plantam em grande quantidade, respeitando também o momento da natureza e a vida que vive nela. Assim dizem que se o último animal morrer, nós morremos também, portanto sempre mantendo um círculo com a natureza, a vida que vive nela e depois de nós.

Buscam não só a sustentabilidade do ser humano, mas sim a vida que mora ao redor e a vida dentro de si mesmo, trazem na memória de todos e sabem que, sem vida, nem que seja do ser mais pequeno, todos nós morremos, portanto a valorização do ser vivo é mais importante do que uma montanha de papel. Sustentabilidade da vida e do espírito.

Capitulo 4

OS SENTIDOS

Na aldeia tem *opy* onde tem os artesanatos sagrados, que tem nomes diferentes quando estão dentro e quando estão fora tem outro nome. *Baraka miri* (chocalho ou violão que canta), arco e flecha (significa que é o lado masculino do ser), *Amba-barco* (onde se coloca ervas raízes e fumo para o batizado), *apyka* (banquinho de madeira batizada, veículo que traz os nomes das crianças), *rave* (violino, que foi introduzido pelos jesuítas, e adaptadas pelos guarani), *baraka* (violão), *petyngua* (cachimbo), *petyngua* sagrado, bacia de cerâmica, *mbo`y* (colares sagrados para proteção), uma arte na madeira em formato das quatro direções, *yoraro* (mesinha onde coloca coisa para o *nhemongarai* (batizados) é onde se coloca as velas feitas de cera de abelha nativas e o *takua pu* (instrumento das mulheres).

Os sentidos variam de pessoa para pessoa, umas sabem outras não, eles me falam que fazem mesmo para vender e poder sustentar o filhos e família. Os que sabem sentam e contam como viveram, como foi sua vida, sua trajetória, a trajetória da sua família, avós e bisavós e tataravôs. Contam histórias do povo, os mitos que são carregados de grafismos, de aventura, o ponto de vista delas na educação, na aldeia, na visão do agora das crianças, dos mais velhos, contam como era antigamente, fazem perguntas a si mesmos e respondem a si mesmo, as pessoas às vezes contam o que perguntamos, mas nas entre linhas, onde devemos procura-las, interpreta-las, sem julgamento e sem interrupções.

Assim busco interpretar cada história e assim achar eu os sentidos delas e as minhas mesmas. Assim o sentido é de quem pergunta, é de quem conta, um sentido mútuo, sendo que o sentido naquele momento será eternizado por mim e por ele, no mesmo tempo que me conta, volta os sentimentos da pessoa, de como ela adquiriu o conhecimento e de que maneira aprendeu a dar valor aquilo que se sabe. O brilho de contar, de ser ouvido, de ser respeitado naquele momento, também é jeito de saber os sentidos de cada arte que se tem, fazendo parte da história dos mitos e do sagrado mundo das entrelinhas do passado que se vivia sem medo de contar suas raízes e sua história.

4.1 Artesanatos que normalmente não se vendem: utilizados pelos *xondaro* (guerreiro)

- **Mbaraka** - O violão usado para tocar as músicas guarani, dentro das casas de rezas, dança do *xondaro*, rituais e *nhemogaraí*, instrumento feitos de cordas de fios de Palmeiras, mas que hoje é feita com linha de pescar. Não se vende porque com esse instrumento só se toca músicas guarani, com quatro cordas e uma afinação chamada *nhamandu xy*.

As artes que não se vendem são poucas, quase tudo já se vende para não indígena e indígena, obtendo lucro para poder sobreviver nas aldeias.

- **Popygua`i**.- Essa arte é feita de madeira de lei, duas varinhas cortadas e amarradas com fibras de coqueiro e cera de mel de jataí.

Essa arte é feita pelo pai que recebeu a notícia que vai ser pai de um menino, que as parteiras já viram pela lua, estrela e épocas, ou pelo que está acontecendo na vida de seu pai até aquele momento, então sabendo que será pai de um menino é onde já começa a preparar para a chegada ou quando se recebe o nome que se ganhou dentro da casa de reza, que sairá de lá como alguém, um ser que veio para fazer algo da sua vida e na comunidade,

- **Rave`i (Violino)** - Ainda não se vendeu o **violino** feito dentro das aldeias para não indígena, mas para o próprio indígena se vende, claro que antes de se vender para o próprio parente é consagrado e pedido a Nhanderu que aquele artefato seja o mais fiel possível a seu dono, que se toque com a alma, se arrume com a poesia das músicas, com o ar que passa pelas cordas, feita de linhas ou fibras colhidas da mata, colhidas na lua, no tempo em que a mata está cantando, lugar que as fibras estão prontas pra serem retiradas para ser instrumento sagrado, como o *mbaraka miri*, que em seu esplendor da sua existência exala seu perfume, usa seu encanto para que ele seja o instrumento sagrado que o povo está procurando. O Rave está pronto pra ser estreado

depois que os raios do céu lhe deram o poder de ser tocado, que as forças divinas já lhe foram doadas com um pouco de suas energias do tamanho tão pequeno como um grão de areia, Nhanderu já lhe deu os sons afinados, os ruídos tirados, o tempo certo, a melodia certa, para ser tocado pela primeira vez, com o canto de esperança do povo, a música que pede que Nhanderu dê mais uma chance de ser tocado, a música que ecoa com súplica da existência do ser guarani, que escute os sons com a melodia das crianças, juntamente com o som do *mbaraka*, *mbaraka miri*, *takua pu* e os sons dos pés no chão, o reverenciar ao sol, a lua, a natureza, buscando sincronia com tudo ao seu redor, com espíritos dos pássaros, das formigas, dos espíritos bons, espíritos do ar, do fogo, da terra e os espíritos, o som ecoado dos céus mais profundos, pedindo uma chance de um violino ser sagrado, ser ouvido e apreciado.

4.2 Artesanatos sagrados que ficam dentro do *opy* (casa de reza).

Apyka o que seria?

Banquinho ou lugar de sentimento do seu nome, local que senta/sente para receber o nome. Como seria realmente traduzir o termo *apyka* sem entender o real sentimento da cerimônia? Sem sentir o valor daquilo que se tem, que só é compreendido quando se fala na língua guarani mbya.

Segundo Moreira e Cardoso Moreira (2015), na cosmologia guarani mbya *Apyka* = Lugar ou “*onde tudo se encontra (onde os Ancestrais se reúniam)*” (Moreira e Cardoso Moreira, 2015, pag. 16).



Fig. 3: Apyka. Foto internet: museu do índio.

As artes que estão dentro das casas é exclusividade de quem está dentro, das pessoas que todos os dias estão lá cantando e dançando.

- **Amba** - Essa arte é feita pelas pessoas tanto *xamoi* tanto *jaryi*, fica no altar, ele tem formato de um barquinho, onde se coloca ervas, usado principalmente nos rituais de batismo, uma arte de extrema importância para o povo e que todas as casas de rezas sem exceção têm esse Amba.



Fig. 4: Ambá, São Paulo, 2020. Foto: Kerexu Miri Poty.

Para Moreira e Cardos Moreira (2015), *AMBÁ* na cosmologia guarani mbya é a, “*ligação entre o Céu e a Terra. Centro de referência dos astros cosmológicos: O céu, a lua, as estrelas*”. (Moreira e Cardoso Moreira, 2015, pag. 16).

4.3 Artesanatos usados como enfeites e seus sentidos

Hoje são muitos artesanatos que são vendidos para fazer decoração nas casas, como cestinhas pequenas, os bichinhos entalhados na madeira, os arcos e flechas, que as pessoas compram para colocar penduradas em paredes, para mostrar que conhecem os indígenas ou porque acham que ter algo dos indígenas dentro ou na parede estariam protegidos ou algo desse tipo. Nas casas dos indígenas também não é diferente.

Os cestinhos também são usados para que as meninas ou as mulheres guardam seus pertences, como fios de cabelos trançados, suas ervas, seus perfumes, *petyngua* ou seus pertences mais valiosos. Os meninos guardam seus *popygua*, com seu arco e flecha com uma pena, que foram seus primeiros artefatos que ganharam com seu nascimento e com seus nomes.

As casas guarani tem seus enfeites, os balaios antigos que tem guardado, o arco e flecha que não se usa mais, pois não se caça mais como antigamente, um arco com sua flecha não muito atraente como aquela que se faz para vender. O balaio é colorido com cores da mata, que também não é muito chamativo com cores fortes, vivas, os brincos guardados feitos com espinhos de ouriços. Ali dentro está guardado o *tembeta* e o brinco feito de madeira que o raio queimou, agora é guardado, pois se for perdido não se tem como fazer outro. As madeiras que o deus Wera Tupã (deus do trovão) vinha batizar com seu fogo sagrado, não tem mais, então o que se tem se cuida com carinho e atenção, só quando o menino virar pai de um menino lhe dará e ensinará que aquilo é valioso, um artefato que irá proteger quem está com ele.

No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Alexandrina da Silva (2015) traz que na Aldeia Gengibre os significados dos artesanatos, os colares, *petyngua*, bichinhos de madeira e seu surgimento, desenhos nos balaios, nos paus de chuvas e suas narrativas e pulseiras, são relacionados às artes que vem com cada família através de suas caminhadas na vida ou seus cotidianos. Um exemplo que a autora traz é o grafismo desenhado na cestaria, que significa: “o caminho que os Guarani percorre (*sic*) quando mudam-se de uma aldeia para outra ou vistam os parentes na outra aldeia. (SILVA 2015, p.10) ”.

4.4 As artes que existem antes e atualmente: adornos e suas narrativas.

- *Adornos e seus corpos e símbolos.*

Antigamente em todas as aldeias as pessoas usavam adornos, como colares e plumas, em seus corpos sempre estavam marcados qual clãs eram, sempre utilizando penas de diferentes cores, assim denominando os que eram *tambeope*, *pain* e *tiripa*, todos os guardiões do território guarani. Usando colares, pulseiras, cocares e brincos, as pinturas eram usadas em rituais ou

quando iam ter enfrentamentos com outras tribos e povos ou entre si por territórios.

- *Pulseiras.*

As pulseiras na maioria das vezes são feitas para uso pessoal, ou vender para seus próprios parentes, muitas vezes as pulseiras são feitas de miçangas compradas no comércio, que são de plástico. Segundo a fala da artesã Sarah Mariano, filha da Genira Mariano, “fazem as pulseiras por encomenda dos parentes, antes trocavam e agora trocam por dinheiro”, o que disse enquanto estava fazendo uma pulseira para um parente dela, que o fez com uma pintura que tinha sido solicitada, sem na verdade saber qual era o significado do símbolo, conforme nos foi dito por ela “eu não sei o que significa só minha professora que sabe, eu esqueci”.

As pulseiras são sempre feitas para um dono, quando se faz por encomenda, se faz pensando na pessoa, como acha que ela é, o seu jeito, seu carinho por ela, os desejos tanto de carinho como de confiança, saudade de um amigo ou de amor, portanto sempre que algo seja feito será com carinho.

Quando se tira algo de seu para se dar para essa pessoa vai com um pouco de sua energia, com sua felicidade ou para compartilhar sua dor, suas angústias. Quando se dá algo a alguém ou se faz especialmente para alguém, o carinho será muito maior do que se for vendido.

4.5 Olhares dos artesanatos que se vendem nos dias de hoje e seus significados

A arte mais vendida e mais feita com o passar dos tempos desde os tempos passados até hoje, é o balaio (*ajaka*). A arte mais antiga feita para levar e trazer as coisas, tanto grande como os pequenos, feitos com argila e palhas ou só de palhas, hoje feito de palhas, feitas com a palha que está se extinguindo da mata atlântica. Hoje o balaio *tupixi* está sendo referência como o balaio guarani, assim como as artes feitas de madeira, que me parece ser só os guarani mbya que fazem. Os significados dos *ajakas* está na maneira que é

feita. Com seus grafismos e desenhos, as belas mãos que fazem as artes dizem que cada grafismo diz o significado de cada um. O tempo em que são feitas também dizem seu significado.

Quando se faz para batismo, se faz o balainho para sedar a criança que será batizada e recebera o nome na língua guarani mbya, então nesse caso ela será o recipiente do nome, onde o nome da pessoa sera guardado e entregue a criança batizada.

Quando se faz para as colheitas, ela significa a proteção do bem-estar das pessoas, pois carrega os alimentos da terra, que sustentará o povo. Quando se faz e dá de presente significa que está se dando uma peça que irá proteger o lar da pessoa, que deixa só as coisas boas entrarem.

Quando se faz com desenhos, cada desenho significa algo:

-*lpara kora* (fechado e quadrado) = cura = portas abertas para as pessoas procuram a cura.

-*lpara tanambi pepo* (desenho da asa da mariposa) = respeito e agradecimento.

-*lpara mboi pynta* (cobra coral) = proteção, pois protege os alimentos que estão dentro.

- *lpara pya tytyi*(coração) = cura, levadas dentro do opy quando uma pessoa está doente, dentro ela se dá as comidas mais gostosas para a pessoa.

De acordo com Alexandrina da Silva (2015), dentro da casa de reza, as pessoas são *“presenteada[s] com esse cesto que possui em seu interior o pão sagrado, as frutas e o mel, que o mesmo leva para a cerimônia de cura”*. (Silva, 2015, pag.27).

Há muito mais tipos de desenhos feitos nos balaies, todos são feitos com propósitos, nem que seja para vender, a pessoa que faz a arte está inspirada naquele momento, lua, espíritos ou seja na felicidade ou na tristeza, em cada momento que é feito a arte sairá com um sentimento, um significado.

O Ajaka (balaio) é onde se leva as sementes, por isso que relaciona com o feminino, pois é sempre o feminino que carrega a semente da vida, o ajaka batizado leva as sementes para serem plantadas.



Figura 5. *Ajaka ipy'a va'e* (BALAIO, tipo sem tradução para a língua portuguesa). Foto: internet.



Figura 6. *Ajaka ipy`a va`e`y.* (balaio, tipo sem tradução para a língua portuguesa), Balaio tupixi. Morro dos Cavalos, 2020. Fotografia: Juçara De Souza.

- *Chocalho* (mbaraka mirin)(maebu mirin) – cura.



Foto 10: chocalho

<https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/maraca>. As 10:46 dia 25/-1/2020

- *Pau de chuva. Oky ranga.*- Esse artefato surgiu quando Nhanderu estava à procura do fogo, ele queria enganar os corvos, fez esse instrumento para dizer que estava chovendo, com o barulho de chuva ele chegava mais perto do local onde os corvos cuidavam do fogo, onde eles estavam escondendo dos outros animais.

Nhanderu jogou o instrumento feito por cima deles, eles voaram pensando que era chuva de verdade e assim uma brasa de fogo escapou, o sapo conseguiu engolir a brasa e levou o fogo até Nhanderu.

Até hoje é feito esse instrumento para as crianças escutarem o som da chuva, também se usa hoje para vender, como se fosse uma reprodução do som da chuva.

Crianças recém-nascidas gostam desse som.

-Bichinhos de madeira- Esse tópico tratará dos significados dos bichinhos de madeira muito presentes nas aldeias Guarani. Os resultados foram levantados em pesquisa realizada com os alunos da escola Itaty, na aldeia Morro dos Cavalos. Também foram consultadas pessoas da comunidade para melhor identificar o significado desse tipo de artesanato.

Seus significados vêm pela forma como eram usados e como eram feitos seus preparos e os rituais e assim está relacionando à vivência das pessoas que fazem artes de madeira, portanto hoje a produção de bichinhos entalhados na madeira vem para contar uma história de como e quando eram utilizadas todas as partes de um animal, assim os significados vêm quando cada bichinho é entalhado.

Tabela 1: bichinhos e seus significados

BICHINHOS	SIGNIFICADOS
Onça pintada Jaguarete ou xixvi'i ka'aguyre	As garras significam força, então significa força e atenção
Coruja- urukure'a	Significa atenção, leveza e dono da noite
Tucano- tukã	Paciência
Tatu- tatu	Hoje se usa suas minis reproduções em madeira para purificar o espaço da casa.
Jacaré- paí	força bruta.
Macaco- ka'i	Inteligência
Peixe- pira	Água boa e energia de água no espaço que está
Tartaruga- carumbé	Resistência
cobra- mboi	Terra
Anta- mboré	Constelação
veado- guaxu	amor e humildade
Avestruz- Guyra Nhandu	direção do espirito
Beija Flor- mano'i	Origem Do Mundo
Cachorro- jagua	Bom coração

Ainda sobre o tatu, pontua o Gonçalves (2015):

As Esculturas de madeira e seus aprendizados “O tatu é importante porque se tira a escama, raspa e coloca-se na água, utilizando para dar banho nas crianças”. Passa-se a banha como pomada pelo corpo assim eles crescem fortes e ágios” (Gonçalves, p.15). Sobre a cobra, Moreira e Cardoso Moreira (2015):

a organização do universo, o Guarani tem a cobra como o símbolo da terra (Ambará) que também é uma estrela. Na apropriação do mundo, "Ambará" passa a ser um signo, o símbolo da terra. (Moreira e Cardoso Moreira, pag. 17).

Sobre a anta é importante destacar que se refere assim em função das histórias contadas sobre o caminho que Nhanderu fez para fazer o céu e a terra, o caminho se chama Mboré rapé (caminho da anta).

Capítulo 5

A IMPORTÂNCIA DA ARTE/ ARTESANATO NA EDUCAÇÃO

A educação Guarani é diferente da educação escolar Guarani, aqui escrevo sobre educação escolar Guarani, na qual os professores tentam o máximo a ensinar a educação Guarani nas escolas indígenas. Hoje se busca as escolas principalmente pelas cidades estarem muito perto das aldeias, estando a tecnologia cada vez mais presente dentro das comunidades. Professores das redes estão preocupados com a educação Guarani, então a melhor forma foi colocar a educação Guarani dentro das escolas, isso possibilitou que os professores ensinassem fora das paredes da escola, buscando novos meios de ensinar seus alunos. Aulas dentro da casa de reza, onde aprendem a cantar, ouvir as histórias e respeitá-las em suas origens, aprendem a prática a dança, a dança do guerreiro. Aprendem nos *kokue* (roçados) a plantar e aprender as histórias de cada planta, o mito da origem, porque *Nhanderu* nos deu aquele tipo de planta, como que o primeiro Guarani plantou, as verdades sobre a vida naquela época, como eram os seus avós, seus antepassados, a língua que se usava antes e hoje como se fala, aprendem a respeitar as luas, o tempo - ao mesmo tempo em que aprendem matemática, histórias verdadeiras sobre seu povo, e o mais importante, a valorizar suas raízes, aprendem a fauna, a flora, os astros é até mesmo a geografia. Assim, professores buscam colocar e transmitir o conhecimento não sozinhos, mas em comunidade.

Para esta pesquisa, as entrevistas foram feitas com professores que trabalham na escola com uma forma diferente de ensinar, falantes da língua Guarani e também com uma trajetória de vida com sua família.

- *Entrevista com o professor Leandro Euzébio*

Para falar sobre como os Guarani utilizam o significado do artesanato na escola, convidamos o professor Leandro Euzébio para falar e escrever sobre isso, então ele coloca os exemplos que ele mesmo faz na escola Itaty, na Terra Indígena Morro dos cavalos. Leandro é Guarani e há 28 anos vem atuando como professor

A importância da arte mbya Guarani, não vem somente do desenho e rabisco no papel, sim o no nosso cotidiano, desde os simples movimentos do corpo, a visão do mundo, ao olhar das pessoas ao horizonte rindo ao pôr do sol, uma grande construção do opy, a dança do xondaro e tangara, dos nossos xeramõi, o modo e relação que tem ao mundo de expressar o seu conhecimento e praticar a oralidade no modo de ser, de uma simples coisa como fumar petyngua e as fumaças que sai dela, tudo tem o seus significados, a ligação transcendente tudo envolvendo a espiritualidade e o respeito pela natureza, os sons do rio, cantos dos pássaros no amanhecer, que alegra o dia a dia, arco e flecha representa a vivencia a resistência, o opy (casa de reza) o pilar das nossas vidas a respiração do povo mbya Guarani, todos os seres do mundo está ligado a arte que representa mbya Guarani. Por escola ser diferenciada completamente voltada à nossa cultura e tradição a nossa maneira de ensinar nossos alunos, desde o primeiro ano fundamental até o ensino médio ele é voltado dentro dos nossos costumes, usamos nossos artesanatos para estudar todas as disciplinas inclusive a nossa espiritualidade e cosmologia. Matemática seriam os dias e a quantidade dos materiais usados em cada artesanato, como por exemplo, os outros

há vários tipos de cestos, quadrado redondo, pequeno, médio e grande, cada um com grafismo diferente. Também usamos a matemática para o tempo certo de tirar as matérias, temos o nosso calendário guarani, tempo de colheita, as fazes da lua e as estações do ano. (Leandro Euzébio, entrevista julho 2019, Morro dos Cavalos).

Também ouvimos as palavras do professor Antonio Carlos, de 53 anos que é Guarani e trabalha na escola, atua como professor pra jovens e adultos. Antonio Carlos também é artesão junto com sua esposa Genira Mariano, que também é artesã, eles cadastrados no município com carteirinha de artesões, e vendem em todos os lugares, como os centros de cidades.

Para iniciar nossa conversa, perguntei a ele, como se faz um arco e flecha? E porque era feito? E porque até hoje ainda é feito?

- Entrevista com o Professor Carlos

A história e a fabricação do arco e flecha, ela tem uma grande história tanto no tempo antigo até hoje, porque os nossos antepassados usavam o arco e flecha para caçar e a pescar para a subsistência das suas famílias, até hoje o arco e flecha e outros artesanatos ainda continua trazendo a sustento para nossa comunidade mbya guarani, o artesanato e muito importante, porque hoje ele traz sustento para a maioria das famílias, como na fabricação de balaio, zarabatana, arco e flecha, colar, brincos, chocalho, o cachimbo, pau de chuva, bichinho de madeira entre outros mais artesanatos feitos nas comunidades.

Por que o artesanato hoje vem a ser mais de cinquenta por cento a renda da comunidade, por isso que a importância e a continuação e incentivo a fabricação do artesanato na comunidade, mesmo porque o artesanato tem um grande significado por trás de cada um. (Carlos, 52 anos, entrevista julho 2019, Morro dos Cavalos).

A conclusão de tudo isso é que os artesanatos fazem parte da nossa cultura histórica mbya guarani.

O professor das series iniciais, João Batista Gonçalves, um dos primeiros professores da escola Itaty, suas aulas são todas ministrada na língua guarani, formando na turma anterior da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, descreve em um papel como e quando usa o tema artesanato na sua sala de aula e como os conteúdos tem tudo a ver com o cotidiano de seus alunos.

- Entrevista do professor Batista

Geografia.

Montanhas.

Usamos as montanhas para fazer coletas do bambu, taquara para produzir, coleta de cipó para fazer os transados e outros artesanatos.

Baixados e lagos, pântanos, fauna e flora, as partes mais baixas usamos para coletas de palhas para fazer esteiras, coleta de cacheta, uma arvore cuja madeira para fazer o bichinho de madeira, as beiras de rios e lagos, usa se para coleta de argila para produzir cerâmica, pedras para produzir ferramentas, como machadinha e pontas de flecha. Beira mar coleta de conchas para adornos.

Historia.

Todos os artesanatos produzidos pelo povo Guarani ele vem acompanhado de uma história ancestral, onde não envolve apenas a matéria prima também envolve a espiritualidade. Cada artesanato tem sua representação e o seu ritual que e repassado de geração a geração. (Batista 47 anos, entrevista julho 2019, Morro dos Cavalos).

5.1 Vivências na Escola

Agora apresento a redação feita pela professora Bruna Yaopire da Silva, da escola indígena Itaty juntos de seus alunos, acompanhada por mim.

O artesanato mbo'y, para nos considerado uma memória viva que através do tempo são levados e regados com sabedoria, origem, cultura, usos, materiais, técnicas,

términos, tempos e crenças, uma proteção, tem vários significados, usado como identidade guarani, também como objeto de beleza.

Para se fazer um colar deve-se ter paciência, tranquilizar a mente e afastar os maus pensamentos. Como se fosse uma terapia, respirar, pensar, refletir, para se ter um trabalho bem feito, para trazer junto a proteção.

Com o objetivo de ensinar e aprender os conhecimentos e sabedoria da nossa cultura

Depois de realizado o trabalho em grupo a professora trouxe seu pensamento sobre a temática do artesanato na escola em uma pesquisa realizada com seus alunos,

Primeiro dia com a turma do primeiro ano inicial da escola, comecei com a história do colar, como são feitos, por quem e feito o porquê o significado e seus benefícios sobre a cultura guarani, quando se fala sobre histórias da cultura muitos alunos já vem com esse conhecimento de casa onde seus pais desde cedo já contam o porquê e seus significados, mais fácil para a pratica que na cultura já começa bem cedo, todos já ajudam a fazer artesanato para proteção e o sustento de suas famílias. (Artesanato guarani –mbo’y- o colar, pesquisa feita por a professora de artes e educação física de escola itaty. Bruna yaopire da silva, 22 anos dia 03 e3 dezembro de 2019)

Tudo eleva em saberes e conhecimento de uma geração de cultura que ao longo do tempo se adapta com o tempo e o modo daquele povo que vive num determinado local, região, costumes e tradição.

Considerando assim, Deus deu os objetos sagrados, que tem poder, que são espirituais e também mostram que naquele lugar que ele Nhanderu nos deixou será assim.

A arte começa quando temos uma necessidade de mostrar a criação, contar, relacionar as coisas, explicar as leis e regras, tanto no espiritual quanto na vida terrena, nos quatro tempos, água, terra, fogo e ar.

O artesanato para nós é considerado uma memória viva que através do tempo são levados e regados com histórias, origens, cultura, usos, materiais, técnicos e tempo.

Cada arte feita é sempre com uma história, tanto da origem como da criação, e vem carregada de significados, contando assim os rituais mais sagrados daquele povo (nosso povo), uma dádiva dada pelo nosso criador para nos mantermos, como nossa identidade e nosso ser Guarani, passado, presente e futuro.

Usamos a arte para ensinar e construir o ser humano, ensinar o princípio com conhecimento da vida. Mostrar a arte para uma criança é mostrar as histórias, as origens de cada elemento criado no universo, lua, sol, estrelas e planetas. A arte do artesanato é usada para ensinar primeiro a atenção, habilidade, as consequências, as atitudes, as formas pensar, o raciocínio, a criatividade, um tema que envolve todas as disciplinas do ensino.

Podemos usar as formas de artesanatos no dia a dia ensinando o nosso sistema e relacionando o saber com o aprender, tanto da terra, ar, água e fogo.

AS IMAGENS DOS SENTIDOS







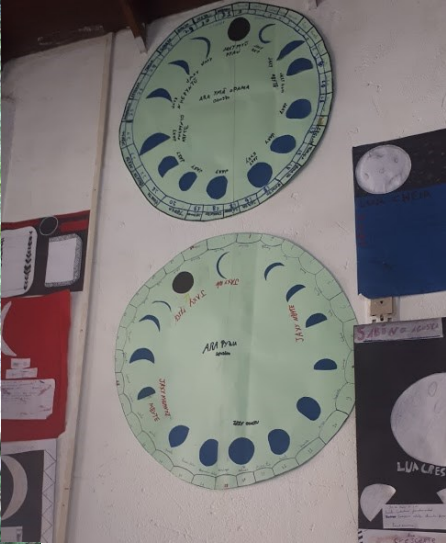


























CONSIDERAÇÕES FINAIS

Yma ore kuery roiko ka´aguy porã, a´ym ma, ore rentarã aguy xe´e avi, amogue tavy, roiko tentã aguy tape rembere, roin rovende aguã ore mbaererei rojapo va´e kue, romongaru aguã nhande memby kuery.

Yma nhande kuery roguereko ore rembiu ete`ima, ronhoty va´e rokaru aguã, ayn ma daipove`ima yvy ronhoty aguã, há´eramo rojapo mbaemo ranga`i nhavende aguã.

Koave tembiapo faculdade ajapo va`e, ombopara ta artesanto mbya guarani régua, mbaexapa rojapo aguy mbaexapa nha´enoia, mba`erã ete ymaguyve oiporu va´e.

Xe ambopara kunhangue oikua aguã rei hae kuery ojapo va´e, mba´exapa ha´e kuery oiporu, há´egui mba´exapa nhaneramoí há´egui ore jaryi, arando omboaxa agua, yma jave guyve ayn re.

ko nhande reko ha e kuery ju omboaxata ayn kyingue ve pe ju oeja vy eyn, ore arandu, kaxo yma guare ,nhamoka nhy ya agua vy´eyn marami pa nhande kuery nha maety raka e oma e jaxy re, onhoty agua oikaa , oky pukutara oikuaa avi , ko kyingue kuery ju ma omobaraete.

No passado muitos de nós ficávamos na mata boa, nossos parentes e até mesmo eu e algumas pessoas hoje vivem perto das grandes cidades, fazendo artesanato para alimentar nossos filhos.

Antigamente nós tínhamos o nosso alimento guarani, plantávamos para nos comer, hoje não existe mais terra para plantarmos, e esse foi o motivo de fazer artesanato para vender.

Nesse trabalho escrevo sobre os significados dos artesanatos guarani, o porque fazem e especifico o porquê faziam antes e como utilizavam.

Escrevo o que as mulheres guarani sabem sobre os significados e porque são usados e como nossos avós e avôs passaram até hoje para futura geração nossa vida guarani e aqui deixo para as crianças para elas olharem nossos conhecimentos, historias e mitos, para não esquecerem nosso jeito de

plantar e colher, as luas para colherem, olhar a natureza e a chuva e que se sintam fortes para seguir em frente.

Referências bibliográficas

Gonçalves, Adelino. **MBA' EREI REI RA ANGA As Esculturas de madeira e seus aprendizados**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

Moreira, Geraldo e Cardoso Moreira, Wanderlei (**CALENDÁRIO COSMOLÓGICO: OS SÍMBOLOS E AS PRINCIPAIS CONSTELAÇÕES NA VISÃO GUARANI**) Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal de Santa Catarina. 2015

Santa Catarina, **Demarcação de terra indígena no Morro dos Cavalos, em Palhoça**. <http://www.pge.sc.gov.br/index.php/institucional/principais-acoas/837demarcao-de-terra-indigena-no-morro-dos-cavalos-em-palhoca>. Acesso em 20/01/2020 as 15:26.

Silva, Alexandrina. **O GRAFISMO E SIGNIFICADOS DO ARTESANATO DA COMUNIDADE GUARANI DA LINHA GENGIBRE (desenhos na cestaria)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal de Santa Catarina. 2015

Referências Orais (entrevistas)

João Batista Gonçalves, entrevista julho 2019, Morro dos Cavalos.

Leandro Euzébio, entrevista julho de 2019, Morro dos Cavalos.

Antônio Carlos Antunes, entrevista julho de 2019, Morro dos Cavalos.

Genira Mariano, entrevista 2019, Morro dos Cavalos.

Anisia Acosta moradora da terra indígena, Morro dos Cavalos, 2019.